

## P ó s f a c i o

### Territorialidade e Permanência

---

**Jane Victal Duduch**

A questão da territorialidade é uma das chaves conceituais para o entendimento da morfologia urbana sob a ótica dos conflitos humanos. Noções como direito de propriedade, permanência, constituição da idéia de lugar, mercantilismo e outras acompanham sua discussão. Indagar sobre a origem dos agentes é insuficiente; as confluências, sempre conflitantes e ruidosas, apresentam-se sob múltiplos aspectos e em sentidos opostos, sendo difícil alcançar uma visão clara e objetiva do fenômeno. Qualquer tentativa de apreendê-lo supõe sempre o debate, a apresentação das idéias por meio de grupos interlocutores, e aqui não seria diferente.

A questão fundiária nos centros urbanos, sendo uma das vertentes da questão mais geral da constituição dos territórios, atribui valor mercantil às localidades, desconsiderando valores culturais mais amplos, marginais ao capitalismo. Devemos estar atentos ao fato de que, nas sociedades urbanas contemporâneas, caracterizadas pela coexistência de modelos econômicos heterogêneos, a imposição de uma predominância, seja ela qual for, pode ser o fundamento de muitas injustiças na esfera social. A casa, como espaço privado, abrigo do direito do ser individual, deve ser concebida considerando-se os valores pessoais.

Neste sentido, se perguntarmos a uma jovem do interior do Estado de Minas Gerais -- como de fato eu fiz -- se ela está guardando seu salário ganho na cidade grande para a compra de um lote, ela ficará confusa, não entendendo bem o sentido da questão. Com a reincidência da pergunta ela simplesmente responderá: "Eu não preciso de um lote, minha mãe já possui terra suficiente, com sua plantação e seus animais, para mim e meus irmãos."

Considerando a distância entre a terra citada e a presença física do "proprietário", percebe-se que o conceito de propriedade, para muitas comunidades, envolve, além do conceito do objeto concreto da posse, o de *pertinência* (*pertencência*). É a terra que possui a gente, os animais e a plantação. Nestes casos, o conceito de propriedade não está vinculado ao indivíduo, mas ao grupo ao qual pertence. É a nostalgia da origem que dignifica o ser, podendo este estar presente ou não fisicamente no território em questão. Entende-se, assim, que este ficar, para os expatriados, é temporário e movido pelo almejar das trocas culturais, caso não esteja relacionado às condições desfavoráveis do *habitat*. Mais do que o desejo de posse ou consumo, é o desejo de abarcar o desconhecido que os coloca em movimento geográfico, inclusive. Porém, este permanecer nos grandes centros urbanos é temporário, pelo menos no início da estadia.

A guerra pela posse do território urbano nos moldes mercantilistas só ocorre num segundo momento, após uma profunda crise de identidade seguida da assimilação de práticas e costumes urbanos. No momento da crise de identidade ocorrem os estados psicológicos vislumbrados como inépcia e vazio. A ausência dos códigos ambientais de origem leva à perda do sentido ou orientação espacial; a ausência dos referentes temporais de origem (naturais e culturais) provoca o sentimento do vazio, a perda do sentimento de pertinência, gerando, finalmente, a penúria seguida da hostilidade. A relação entre dinheiro, propriedade, consumo e cidadania não faz parte deste conjunto. A questão monetária só intervém quando relacionada à fome e à necessidade imediata de abrigo. Quando estes componentes da vida não incomodam, os expatriados sentem-se como heróis guerreiros em liberdade, que algum dia retornarão ao lugar de origem trazendo seus triunfos.

Neste momento de identidade confusa, muitos associam-se aos grupos marginais, dos quais gradualmente vão se sentindo parte ou membros, à medida que assimilam seus códigos verbais e de comportamento. A situação agrava-se devido à perda dos laços afetivos de origem, esquecimento das crenças e histórias que antes compunham seu imaginário, solidão, desamparo e, finalmente, a

deterioração das condições de habitabilidade e manutenção de vida nas cidades (carestia e inconvenientes do mundo industrializado). Nestas condições, uma plêiade de histórias de bandidos ilustres e de expedientes sinuosos para desembaraçar situações complicadas, misturadas com a ilusão do ganho fácil e o estímulo reluzente dos objetos de consumo, criando a apetência gananciosa, são fatores que contribuem para a formação de um dos componentes da tipologia humana urbana que, ao contrário do que se suspeita comumente, está perfeitamente ajustado à morfologia social.

Quando a chegada destes expatriados sem teto, imigrantes urbanos, é amparada por grupos assistencialistas -- movimentos religiosos, grupos étnicos consolidados em comunidades (guetos), movimentos sociais etc. --, o momento de caos existencial recebe o suporte de um conjunto de valores organizados em preceitos e condutas, auxiliando na construção dos novos moldes de pertinência (*pertencência*). Importa menos o caráter destes modelos do que a ação que produzem. Algumas vezes, apenas o amparo na obtenção da carteira de identidade é suficiente. A pessoa passa a carregar um cartão que a identifica, o anonimato dilui-se, abre-se um canal de referências cívicas que a relaciona ao Brasil. Quando a comunidade de origem tem componentes nômades, o enraizamento é precário. Quando, ao contrário, sua natureza é nostálgica e voltada aos antepassados, as transformações são lentas, contidas, acompanhadas de angústia e incertezas.

A aculturação envolve processos imbricados, relacionados às diversas camadas sociais. Neste processos, evidentemente, a constituição do poder e a atuação dos grupos para perpetuarem a hegemonia acarretam dificuldades principalmente para os menos favorecidos, na medida da esfera de abrangência na qual atuam. Os embates entre dominados e dominantes ocorrem da esfera doméstica à pública. Cada indivíduo ora é dominado, ora exerce a dominação, com mecanismos os mais diversos. As dominações na esfera privada são de difícil detecção. Englobam elementos psicológicos em formação e modos de atuação cambiantes. Entretanto, tanto na esfera doméstica quanto na pública os processos sofrem a interferência de elementos externos aos componentes da ação recíproca, contribuindo pendularmente para a efetivação dos resultados.

Quando estes mecanismos envolvem claras normas de conduta para as pessoas envolvidas, os pactos tornam-se presumivelmente mais inteligíveis e fáceis de manter. Por outro lado, se as normas, mesmo as mantidas por meio de instrumentos legais, estão impregnadas de sutilezas retóricas, as condutas tendem a

Obedecer mecanismos comportamentais diversos, dependendo da capacidade de articulação de cada parte envolvida no pleito, ou mesmo da atuação das forças externas.

Como os instrumentos legais tendem à ação generalizante, sendo elaborados sob os parâmetros das leituras parciais da realidade à qual remetem e sob os valores dos grupos dominantes aos quais se destinam, qualquer indivíduo "estranho", estrangeiro (mesmo os estrangeiros conterrâneos), cujos parâmetros comportamentais fogem à ação dos regimentos estará irremediavelmente alheio ao poder de proteção desta mesma lei. Ou seja, dado o fato de estes indivíduos e suas necessidades não estarem explicitados na realidade parcial a partir da qual os instrumentos legais foram estabelecidos, e de estarem em condição cultural desfavorável em relação aos grupos mais estabelecidos, as disputas por território na esfera legal acabam gerando distorções e contradições. Quando as contrariedades são remanejadas, isso se dá apenas na esfera retórica ou mesmo no âmbito político. Como estas instâncias estão sob a tutela dos grupos estabelecidos territorialmente, o padrão se instaura como procedimento natural, na forma do clientelismo.

Uma forma de aculturação se dá quando a comunidade local, mais estável e com pactos comportamentais consolidados, resolve impor seus modelos culturais aos indivíduos considerados excluídos. A situação torna-se então caricatural. Os primeiros projetam (exportam, impõem) para os últimos seus valores associados ao bem-estar e seus conceitos de prosperidade. Neste sentido, as sociedades urbanas industrializadas presumem que o direito à posse da terra e à casa própria traz dignidade. A moradia, que antes era um "lugar de permanência coletiva" e venerada pela família, é transformada em casa-objeto sobre um lote, produzida em série. Os conjuntos habitacionais são projetados considerando os padrões universalistas da unidade com espaço mínimo, organizada em três atividades distintas (estar, dormir e trabalhar), construídas coletivamente para sanar dificuldades orçamentárias em custo mínimo, destinadas aos usuários (ou mutuários), então transformados em proprietários. Surge a casa-mercadoria e seu dono torna-se imediatamente um comerciante. Assim, o novo proprietário será semanticamente conhecido pelo grupo dominante, que o identificará como semelhante, destituído de suas relações de origem e circunscrito à nova cultura. O usuário é descaracterizado, generalizado, colocado abruptamente na sociedade de consumo.

No caso da regularização dos loteamentos clandestinos ou mesmo das favelas ocorre algo semelhante. Assim que a parcela de

terra é transformada em propriedade e passa a ser oficialmente de alguém, ou seja, assim que se legitima o direito de propriedade, o poder público promove a implantação de infra-estrutura e a propriedade se valoriza. Muitas vezes as unidades têm valorização imediata, mesmo sob a expectativa da legalização, tal é o caráter vulnerável (instável) destes mercados. Se antes a terra era ocupada por todos, segundo a lei da necessidade, num profundo sentimento comunitário, após a legalização ou legitimação do direito de posse instaura-se a economia de mercado. O morador, condicionado às vicissitudes da vida, nada tem a perder, mas sim a lucrar, sucumbindo à provisão de novos direitos. É comum perguntar-se sobre os motivos da não permanência, sem dar-se conta ser a troca um atributo natural da mercadoria. O caráter simbólico imposto por esta dinâmica não permitiria outra conduta.

Talvez os espaços ilegais, informais, alternativos, contenham possibilidades incontavelmente mais interessantes para o enfrentamento dos problemas que advirão nos tempos vindouros. Talvez a preservação de valores culturais gerados por ações comunitárias, desajustadas em relação ao mercantilismo urbano e voltadas às construções espontâneas e "vernaculares", muito mais próprias e genuínas em relação ao lugar e constituição em que se formaram, seja a melhor solução em relação a um contexto dado e suas especificidades. E com isto se reafirme a responsabilidade de cada um, de cada cidadão em relação ao grupo ao qual pertence, com responsabilidades profissionais e hierarquias próprias, em dar a Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus, e a si próprio o que é devido.

Agnelo CMV



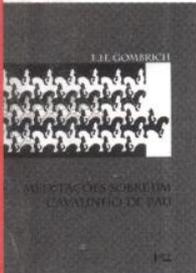
A FORMAÇÃO DO HOMEM  
MODERNO ATRAVÉS DA  
ARQUITETURA  
Carlos Antônio Leite Brandão

Editora UFMG  
Tel. 31 499 4650  
Fax 31 499 4768  
e-mail: [editora@bu.ufmg.br](mailto:editora@bu.ufmg.br)  
<http://www.editoras.com/ufmg>  
240 páginas



MEDITAÇÕES SOBRE UM  
CAVALINHO DE PAU  
E. H. Gombrich

EDUSP - Editora da Universidade de  
São Paulo  
Tel. 11 818 4008  
Fax 11 818 4151  
e-mail: [edusp@edu.usp.br](mailto:edusp@edu.usp.br)  
<http://www.usp.br/edusp>  
244 páginas



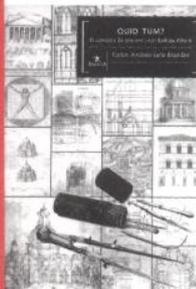
EXPRESSIONISMO ALEMÃO:  
DEUTSCHER EXPRESSIONISMUS  
DESTAQUES DA COLEÇÃO VON DER  
HEYDT-MUSEUM  
HAUPTWERKE AUS DEM VON DER  
HEYDT-MUSEUM WUPPERTAL

Museu de Arte Moderna de São  
Paulo  
Von der Heydt-Museums Wuppertal



QUID TUM?: O COMBATE DA  
ARTE EM LEON BATTISTA  
ALBERTI  
Carlos Antônio Leite Brandão

Editora UFMG  
Tel. 31 499 4650  
Fax 31 499 4768  
e-mail: [editora@bu.ufmg.br](mailto:editora@bu.ufmg.br)  
<http://www.editora.ufmg.br>  
375 páginas



HOTEL: PLANEJAMENTO E  
PROJETO  
Nelson Andrade, Paulo Lucio de  
Brito e Wilson Edson Jorge

Editora SENAC São Paulo  
Tel. 11 884-8122  
Fax 11 887 2136  
e-mail: [eds@sp.senac.br](mailto:eds@sp.senac.br)  
<http://www.sp.senac.br>  
244 páginas



HABITAR SÃO PAULO: REFLEXÕES  
SOBRE A GESTÃO URBANA  
Nabil Bonduki

Editora Estação Liberdade  
Tel. 11 3661 2881  
Fax 11 3825 4239  
e-mail:  
[editora@estacaoliberalidade.com.br](mailto:editora@estacaoliberalidade.com.br)  
<http://www.estacaoliberalidade.com.br>  
167 páginas



b i b l i o t e c a c a d  
livros

**ISMAEL NERY 100 ANOS  
A POÉTICA DE UM MITO**

Curadoria: Denise Mattar  
Realização: Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, RJ  
tel. (21) 808-2020  
Fundação Armando Álvares  
Penteado FAAP  
S. Paulo, S.P. - tel (11) 3662-1662  
Editora Gráfica Brasileira  
128 páginas

**A CIDADE DESVENDADA:  
REFLEXÕES E POLÊMICAS SOBRE  
O ESPAÇO URBANO, SEUS  
MISTÉRIOS E FASCÍNIOS**  
Paulo Casé

Ediouro Publicações  
Tel. 21 560 6122  
Fax 21 280 2438  
e-mail: [livros@ediouro.com.br](mailto:livros@ediouro.com.br)  
301 páginas

**MINIMALISMOS**  
Anatxu Zabalbeascoa e Javier  
Rodriguez Marcos

Editorial Gustavo Gili  
Tel. 93 322 81 61  
Fax 93 322 92 05  
e-mail: [info@ggili.com](mailto:info@ggili.com)  
<http://www.ggili.com>  
144 páginas

**DONOS DO RIO EM NOME DO REI:  
UMA HISTÓRIA FUNDIÁRIA  
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO**  
Fania Fridman

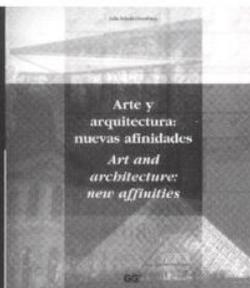
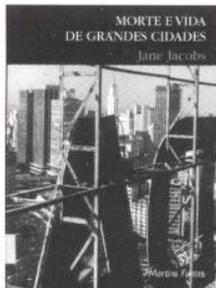
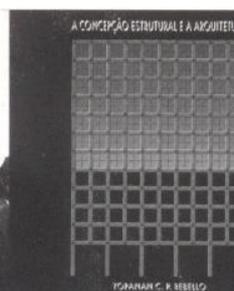
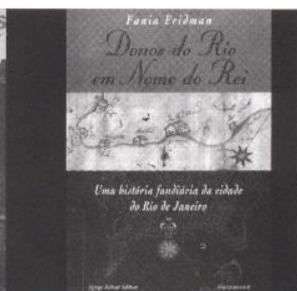
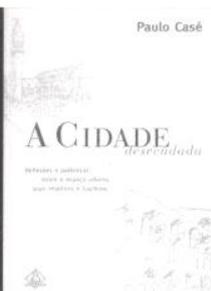
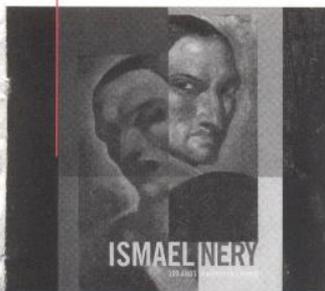
Jorge Zahar Editor  
Tel. 21 501 6399  
Fax 21 581 2205  
e-mail: [comercial@zahar.com.br](mailto:comercial@zahar.com.br)  
302 páginas

**ERA UMA VEZ O MORRO DO  
CASTELO**  
José Antonio Nonato (projeto  
original e org.)  
Nubia Melhem Santos (org.)

IPHAN- Instituto do patrimônio  
Histórico e Artístico Nacional  
Tel. 61 414 6101  
Fax 61 414 61 26  
e-mail: [publicacoes@iphan.gov.br](mailto:publicacoes@iphan.gov.br)  
<http://www.iphan.gov.br>  
368 páginas

**A CONCEPÇÃO ESTRUTURAL E A ARQUITETURA**  
Yopanan C. P. Rebelo

Zigurate Editora  
Tel. 11 285-52...  
Fax 11 288-58...  
e-mail: [zigurate@uol.com.br](mailto:zigurate@uol.com.br)  
271 páginas



**MORTE E VIDA DE GRANDES  
CIDADES**  
Jane Jacobs

Livraria Martins Fontes Editora  
Tel. 11 239 3677  
Fax 11 3105 6867  
e-mail: [info@martinsfontes.com](mailto:info@martinsfontes.com)  
<http://www.martinsfontes.com>  
510 páginas

**CILDO MEIRELES**  
Casac & Nailly  
<http://www.casacnailly.com.br>

**ARTE Y ARQUITECTURAS:  
NUEVAS AFINIDADES**  
Julia Schulz-Dornburg

Editorial Gustavo Gili  
Tel. (espanha) 93 32281 61  
Fax (espanha) 93 32292 05  
e-mail: [info@ggili.com](mailto:info@ggili.com)  
<http://www.ggili.com>  
144 páginas

**DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL  
INGLESA AO IMPERIALISMO**  
Eric J. Hobsbawm

Editora Forense Universitária  
Tel. 11 3104 2005  
e-mail: [foruniv@unisys.com.br](mailto:foruniv@unisys.com.br)  
<http://www.editoras.com/forenseuniversitaria>  
235 páginas

**FRAGMENTOS DE UMA DEMOLIÇÃO:  
História Oral do Teatro Municipal Carlos  
Gomes**  
Sônia Aparecida Fardin (org.)

Prefeitura Municipal de Campinas  
Museu da Imagem e do Som Campinas  
Editora Atomo  
<http://www.atomoalinea.com.br>  
226 páginas

b i b l i o t e c a c a d  
periódicos

**47 AL FONDO**  
REVISTA DE LA  
FACULTAD DE ARQUITECTURA Y  
URBANISMO  
UNIVERSIDADE NACIONAL DE LA  
PLATA  
Argentina  
julho de 2000- n°5  
Tel. 54 221 4236 587 88-89-90  
Fax 54 221 4236 587  
e-mail:  
forulp@arqui.forulp.unlp.edu.ar

**ARQUITETURA E  
URBANISMO**  
Brasil  
Outubro/novembro de 2000- n°92  
Tel. 11 3224 8811  
e-mail: assinaturas@pini.com.br  
http://www.piniweb.com

**26**  
REVISTA INTERNACIONAL DE  
ARQUITECTURA  
Espanha  
1999- n°12  
Tel. 93 322 8161  
Fax 93 322 9205  
e-mail: info@ggali.com  
http://www.ggali.com

**ARCHITECTURAL SCIENCE  
REVIEW**  
Austrália  
Setembro de 2000- n° 43.3  
Tel. 02 9351 7591  
Fax 02 9351 3031  
e-mail: asr@arch.usyd.edu.au

**NOVOS ESTUDOS**  
CEBRAP  
Brasil  
Julho de 2000- n° 57  
Tel. 11 574 0399  
Fax 11 574 5928  
e-mail: novosestudos@cebrap.br  
http://www.cebrap.org.br

**ESTUDOS AVANÇADOS**  
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS  
Brasil  
maio/agosto de 2000- n° 39  
Tel. 11 3818 3919  
Fax 11 30319563  
e-mail: iea@org.usp.br

**ARQUITECTURAS**  
Colombia  
maio/julho de 2000 n° 3  
Tel. 235 3969  
Fax 345 2927  
e-mail: arquitecturas@hotmail.com  
http://www.geocities.com/athens/delphi  
/66434

